



PASQUIM FEMINISTA

INFORMATIVO LIBERTÁRIO ROSA GOMES

ANO V

PASQUIM FEMINISTA

Publicação da

COLETIVA FEMINISTA GSEX

ANO V-N°7

Data de fechamento: 22/12/2025

Maria Meire de Carvalho

Coordenadora do projeto

Ana Gabriela Colantoni

Revisoras do projeto

Ana Carola Cavalcante

Design e Diagramação gráfica



A MISOGINIA NÃO É OPINIÃO: O CASO DO “CALVO DO CAMPARI” E A URGÊNCIA DA CRIMINALIZAÇÃO

por: Izabela Lopes Jamar

O recente caso envolvendo Thiago Schutz, o autodenominado “Calvo do Campari” e sua prisão por agressão à namorada, é mais do que um escândalo de subcelebridade; é um espelho brutal da violência que se incuba sob o manto do movimento Red Pill no Brasil. Schutz, que ascendeu à notoriedade com discursos de “masculinidade” tóxica e misoginia velada, provou que a retórica de ódio online tem consequências diretas e devastadoras no mundo real. O movimento Red Pill, que se disfarça de “despertar” para a suposta opressão masculina, é, na verdade, uma ideologia reacionária e perigosa. Seus “coaches de masculinidade” propagam a crença na superioridade masculina e a demonização das mulheres, vistas como manipuladoras ou objetos. Essa doutrinação digital não é inofensiva. Ela fornece uma justificativa pseudo-intelectual para o ódio e a violência, transformando frustrações individuais em um projeto coletivo de ressentimento e agressão. O discurso de Schutz, que já havia resultado e acusações de ameaça contra outras mulheres, culminou em violência física, conforme evidenciado pelas acusações de agressão doméstica. O ciclo é claro: a misoginia verbal é o prelúdio da violência física.

É imperativo que a sociedade e o sistema legal reconheçam a gravidade dessa escalada. O ódio às mulheres, disseminado e incentivado por movimentos como o Red Pill, não pode mais ser tolerado sob a égide da liberdade de expressão. A misoginia é a base estrutural da violência de gênero, do assédio moral e do feminicídio. Neste contexto, a criminalização da misoginia emerge como uma necessidade urgente. Embora o Brasil possua leis importantes como a Lei Maria da Penha, é preciso ir além da punição da violência física e psicológica após sua ocorrência. É fundamental que a lei atinja a raiz ideológica do problema, tratando a incitação ao ódio contra as mulheres como um crime autônomo, assim como ocorre com o racismo. Criminalizar a misoginia é um passo crucial para deslegitimar publicamente esses movimentos e enviar uma mensagem inequívoca: o ódio contra metade da população não é uma “opinião” ou um “estilo de vida” mas sim um ataque à dignidade humana e à ordem social.

Izabela Lopes Jamar é Advogada Criminalista com perspectiva de gênero. Especialista e Sistema de Justiça Criminal pela UFSC; Especialista em Processo Penal e Direito Penal pela ATAME-Brasília, Pós-graduada em Jornalismo pela FAVENI.

E-mail: izajamar@gmail.com



Levante Mulheres Vivas: mobilização nacional feminista contra a escalada de casos de feminicídios no Brasil

por: Maria Meire de Carvalho

Foi em um Domingo (07/12/2025) nublado que prometia ser chuvoso que centenas de mulheres e alguns homens (sim, eles também foram) tomaram as ruas, as praças, as feiras, os campanários e ainda as DEAMS (Delegacias de Atendimento às Mulheres) para protestarem contra os feminicídios, buscando atenção e proteção às mulheres.

O ato atendeu ao chamado do "Levante Mulheres Vivas" - uma mobilização nacional com articulação de coletivos feministas, organizações da sociedade civil, ativistas e demais instituições sociais. A ocupação das ruas teve como foco principal denunciar coletivamente o descaso institucional, como também exigir respostas urgentes e efetivas para coibir as violências de gênero com medidas que cheguem de maneira real às mulheres e mulheridades nas suas mais diversas existências.

Os dados sobre feminicídios e violências contra as mulheres no Brasil são alarmantes. A Pesquisa Nacional de Violência Contra a Mulher (Data Senado, 2025), aponta que 3,7 milhões de mulheres brasileiras sofreram violências nos últimos 12 meses, como também mostra que 27% de jovens e adolescentes entre 16 anos ou mais já passaram por violência doméstica, praticada por homens. No que tange ao estado de Goiás, infelizmente, a realidade não é diferente, diversos casos apresentam cenário de negligéncia e com falsa narrativa de que Goiás é um estado seguro com baixo índice de violências.

O estado de Goiás precisa assumir que temos sérios problemas de violências de gênero na nossa sociedade - um lugar que ainda é marcado pelo domínio do patriarcado, do machismo, da misoginia, do racismo, da transfobia e por tantos outros marcadores sociais que alargam as desigualdades.

Exigimos prevenção antes da agressão e ações reais: destino de verbas, casas de acolhimento, DDM 24h com delegadas, medidas protetivas eficazes, tombozeleira para agressores, violência como crime inafiançável, cumprimento das leis, criminalização da misoginia, treinamento dos profissionais e fim de machistas nas instituições. O Ato Levante Mulheres Vivas é por mudanças reais e imediatas, não queremos mais somente notas de repúdio e discursos vazios.

Não é mais possível viver em uma sociedade onde mulheres são violentadas e mortas todos os dias, simplesmente por serem mulheres. Segundo o Instituto Nexus (2025), 94% das mulheres consideram o Brasil como um país machista, enquanto 79% as mulheres percebem o crescimento das violências de gênero no país e a maioria delas não consideram o lar como um lugar seguro. Quando o marcador é raça, dados apontam que 68% das mulheres vítimas de feminicídios são negras.

Desde 2015, ano em que a Lei do Feminicídio foi instaurada no Brasil tivemos um aumento de 176% dos casos de mulheres que morreram pelo gênero, ou seja, perderam suas vidas por serem mulheres.

Não suportamos mais a negligéncia do Estado: queremos MULHERES VIVAS!



Risos roubados, vidas ceifadas de seres femininas

por: Yasmim Moreli - estudante curso Química UFG; Estagiária da SIN/UFG

Acabei de decidir fumando meu cigarro e chapada com os pensamentos acelerados por colocar em escritas as violências que me cercam e me ceifa de viver em paz. Uma delas seria a disforia com meus seios pequenos. Essa seria a primeira causa da minha frustração - por um problema que nem é meu, porque eu realmente amo a estética de mulher com seios pequenos. Mas, eu não vivo sozinha no mundo e meu corpo é apenas mais uma experiência nas ruas, para pessoas cis julgarem e me aprisionar em alguma caixinha. Tomara que se assustem, se espantem, se sintam incomodados com esse corpo feminino. Violências ao me julgarem, ao me atacar com pedras e tiros. Eu continuo resistindo. Eu vou rosnar e gritar com todo o fôlego da minha garganta para acabar com a sua farsa de gênero. Se quiser, questione o seu corpo e não o meu.

Eu tenho certeza da mulher que construí. Sim, construí, pois nasci humana e vocês me fizeram mulher, signos que carrego com o propósito de ser chamada pelo meu nome, porque o seu incômodo não é um problema meu. Tenho seios pequenos e uma barba quase que invisível que insisti em deixar permanecer ali no canto do queixo. Tudo isso que te incomoda põe em xeque a minha existência.

Quando falo de desejo, falo daquela linha bem sutil, entre o prazer e o gozo, entre a morte e o inferno, entre o amar e o morrer. Sim, tantas morreram e continuarão morrendo, perdendo seus sonhos, seus desejos, seus risos, pois roubaram, tiraram, negaram a existência de seres FEMININOS, IDENTIDADES FEMININAS, pois não somos apenas uma mulher, somos várias, diversas. Não é tão fácil assim, vocês me olham de fora, mas como a mãe, a tia de vocês, o cuidado, o acalanto, sempre foi e será das mulheridades. E o meu corpo, além de uma mulher, uma travesti... Espantam-se quando descobrem meu segredo que guardava até abrir minha boca, ao ouvirem minha voz grave e grossa. Pois não falo miando para agradar a cisgenaridade. Olham torto para mim e será que veem? Será que viu as horas que gastei na frente do espelho colocando esse batom, de uma cor mais forte, vinho/matte/seco, um batom sério. Na sua frente está uma mulher e você descaradamente ainda me chama de ele.

Agora acabou, tenho que curtir com a sua cara, por que esse país, aaaa esse país é tão lindo, mas só de longe. Pesquisei os números e vi que quem mais morre sou eu, mulher trans/travesti. Somos nós, as travestis, sim somos criaturas em existência... Sim, somos criaturas que às vezes nem chegamos a ser humanas para a cisgeneridade. Um termo acadêmico, para definir pessoas, que não questionaram o que são, quando nasceram kkk. Brincadeira gente, não se sintam ameaçados. Eu precisei chegar aqui destemida, mas também com muito medo, isso mesmo. Tudo foi muito difícil, desde a primeira vez que coloquei uma calcinha, akuendei minha neca, bem puxada para trás, comportada, com dor: agora tá bom pra você?

Me chame pelo meu nome, nome de uma mulher que com muitas dores construí, mas quando você me olha só vê os ombros largos, né?

Vê ainda um quadril meio quadrado e até um pouco gostosinha. De quatro dá para comer, você pensou, né? Mas mesmo assim me chamou de Ele. Esse é seu fetiche então? Claro que é, né?

Você procura a travestis por que você sabe que nós temos um PENIS DE MULHER. É... Parece grosso e pesado. Até mesmo eu acho estranho escrever isso. Desculpem-me, sou apenas uma mulher, ou algo próximo para essa senhora ao meu lado, que me olha de canto de olho. Eu fixandi meu olhar pela janela, penso comigo: que se foda quem me olha atravessada - eu continuarei sendo uma mulher.

E quando essa mulher não mais aguentar, pois posso uma hora dessas me cansar.. Mas eu sig, pois acredito que pode passar o tempo que for, posso passar por muitas dores, mas um dia eu vou ter tudo que sonho.

Continua na próxima página...



Continuarei sendo eu, e essa outra face fica comigo. Só eu sei o que sinto quando deito a cabeça no meu travesseiro. Posso até pensar que achei conforto na solidão. Não ligo. Às vezes, não tenho fé nem esperança, mas tenho curiosidade pelo próximo dia. E quando eu quiser deitar, porque só deito se eu quiser tá meu amor? Se um dia eu partir antes de você, lembre-se de colocar rosas brancas no meu esquife, quero todas brancas, quero transparecer pureza. Talvez assim me vejam pura, olhem de cima e me vejam humana.

Um ser gelado não incomoda. A marca desse tormento estará nos meus selos pequenos, mas quero que o mundo se lembre bem quem ceifa nossas vidas. Eu amo o meu corpo, até me lançarem olhares hostis. Agora nada mais vai me incomodar, vou resistir e mesmo que me ataquem nada vai me afligir, vou revidar. Eu sempre gostei de viver. Talvez nas noites escuras me sinta mais segura. O sol sempre foi um incômodo.

MATROFOBIA INSTITUCIONALIZADA: A FACE OCULTA DA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL DE GÊNERO

por: Maria Alice Sousa Santos - Advogada Feminista;
E-mail: santosmaalice@gmail.com

O discurso odioso e o silenciamento que fomenta a violência contra a mulher-mãe corresponde ao fenômeno conceituado pela literatura feminista matricêntrica como 'matrofobia' – termo cunhado por Adrienne Rich (1976), e popularizado por Andrea O'Reilly (2016), para nomear o medo, desprezo ou repulsa da figura materna enquanto autoridade moral, como uma forma de misoginia estrutural, onde a mulher-mãe, referência primeira de cuidado e proteção, é marginalizada e sujeita a suspeição de maneiras insidiosas, encontrando possibilidade para sua institucionalização dentro das estruturas do sistema de justiça.

O sistema de justiça, por sua vez, foi alicerçado pelos pilares androcêntricos, e apesar dos avanços legislativos, pela aplicação da legislação mascarada por 'neutralidade' ou 'melhores interesses das crianças e/ou adolescentes', mulheres-mães são submetidas a desqualificação sistemática, subordinação e cargas probatórias desproporcionais, enquanto as violências que sofrem são desconsideradas ou minimizadas.

A matrofobia institucionalizada se apoia em dois mecanismos estruturais principais: a dicção do ideal materno e a culpa. A sociedade e, por extensão, o sistema de justiça, operam sob a noção de mãe ideal; devotada, abnegada e incubida pelo cuidado familiar. Quando se desvia do padrão social, rapidamente enfrenta a culpabilização e a desqualificação da capacidade parental, sendo necessário provar, exaustivamente, a idoneidade materna.

As mulheres-mães que denunciam a violência doméstica e/ou familiar, a negligência, o abandono material e/ou afetivo ou a violência sexual paterna, enfrentam as suspeitas generalizadas das acusações de 'alienação parental', fundamental para silenciar, desacreditar e punir mulheres-mães, como se estivessem motivadas por vingança ou a não superação da separação conjugal, isso porque quando a criança e/ou adolescente expressa medo, aversão ou recusa pela convivência paterna, são ignoradas as possibilidades de que estejam baseadas em percepções e acontecimentos reais.

Assim, provar as violências intrafamiliares recai sobre a pessoa vitimizada de forma esmagadora, a mulher-mãe, e se não provadas de maneira incontestável, resultam na perda da guarda, suspensão da convivência, e punição pecuniária por 'alienação parental'. Ocultamente, o sistema de justiça transforma a mulher-mãe, frequentemente a principal cuidadora e protetora da criança e/ou adolescente, na principal ameaça familiar.



Até Quando

por: Geovana Lara

Até quando o nome de uma mulher
será dito em tom de adeus,
como quem fecha a porta,
apaga a luz,
e segue em paz com os seus?

Até quando nossos corpos no chão
serão tratados como erro, exceção,
mais um número frio na contagem,
mais um silêncio na engrenagem
da brutal repetição?

Chamam de briga, de caso isolado,
de amor que saiu do traçado.
Mas nós sabemos, não é paixão,
é método, é regra, é lição
ensinada de mão em mão.

O feminicídio não nasce no fim,
ele começa no "não fica assim",
na palavra que fere calada,
na piada normalizada,
na violência domesticada
dentro do próprio jardim.

Até quando teremos que provar
que viver não é pedir demais,
que amar não autoriza matar,
que mulher não é posse, nem cais?

O feminismo precisa entrar na casa,
sentar no sofá, quebrar a ameaça,
habitar o quarto, a cozinha, o chão,
interromper o grito
antes que vire agressão.

O feminismo precisa entrar na igreja,
romper o sermão que silencia,
desatar a fé da obediência,
porque não há divindade
que legitime a violência.

Os homens não vão parar sozinhos,
a história já mostrou os caminhos.
Se fossem parar, já teriam parado,
mas o ciclo segue intacto, armado.

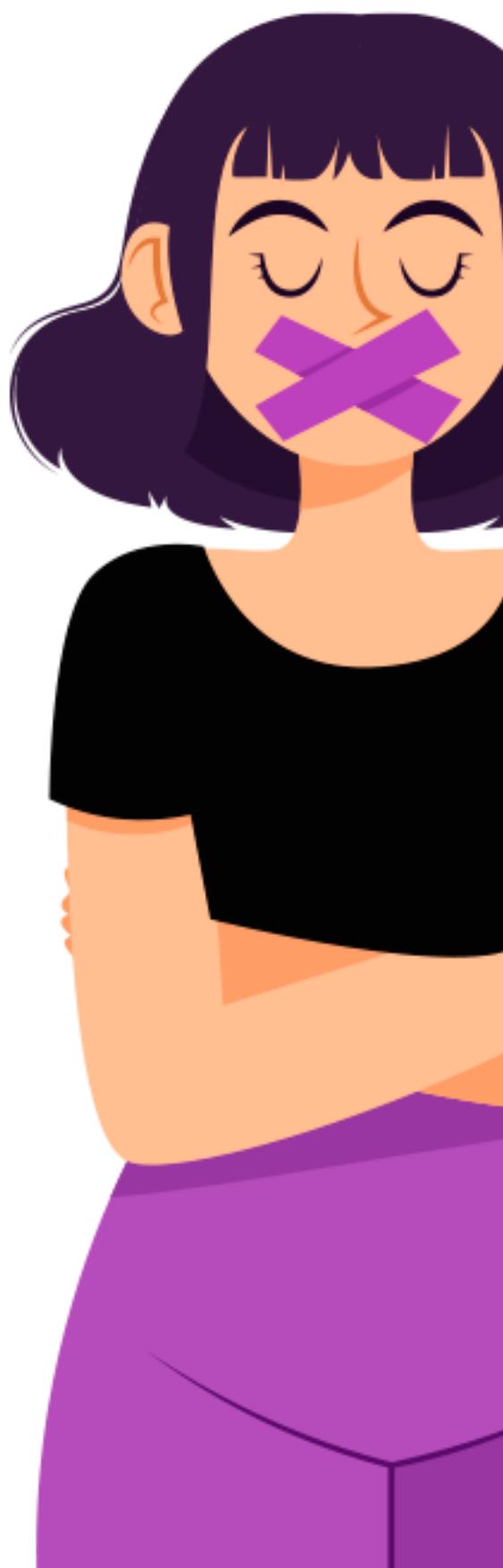
A prisão chega depois do fim,
não devolve a vida que não está mais
ali.
Cadeia não ensina a amar,
não faz o morto voltar,
não apaga o trauma de quem fica
aprendendo a chorar.

O que muda é educação,
é quebrar cedo a dominação,
ensinar que amor não é controle,
que ciúme não é nome nobre,
que força não é poder
e que ninguém nasce dono de
alguém.

Educar é romper a sentença,
é salvar antes da violência,
é impedir que o nome de amanhã
vire mais uma ausência.

Até quando seremos livres, afinal?
Quando viver não for ato radical,
quando voltar pra casa não for perigo,
quando existir não custar castigo.

Enquanto isso, seguimos em vigília,
nossa luta não é estatística.
Não aceitaremos o destino final:
nossa palavra é vida,
nossa exigência é vital.



A ilha que lhe pertencia

por: Rafaela Cavalcante G. S. Melo

Em O Conto da Ilha Desconhecida (1997), Saramago narra a busca do indivíduo por algo que ninguém sabe nomear. É um enredo aparentemente centrado no masculino, mas em uma leitura feminista podemos colocar a mulher da limpeza como a figura silenciosa que atravessa o mundo ordenado e burocrático do palácio para reinventar a própria vida. A mulher da limpeza não procura a ilha desconhecida, como a personagem principal, mas saídas, abandonando o lugar que a mantinha invisível em busca de autonomia. O rei, representaria o poder que ignora; o homem que pede o barco representaria, talvez, o desejo oculto; e a mulher, por fim, o gesto que torna o possível perante as impossibilidades. Ao transformar o caos em travessia, ela desloca a centralidade masculina da narrativa. Não é a musa da aventura, é a coautora da rota. O autor sugere que o desconhecido não é um território a ser conquistado, mas uma relação a ser construída: é a mulher da limpeza quem reconfigura o sentido da busca; ela não espera ser descoberta: ela descobre. Esse deslocamento sutil desestabiliza a lógica da tradição literária, onde a mulher costuma ser o prêmio, o porto, o motivo do "herói".

Aqui ela é o pensamento crítico, a ruptura cotidiana, o desvio que permite imaginar outras geografias da existência humana. A ilha, no final das contas, não é o destino final, mas o espaço interior que só se revela quando escapamos das amarras que nos prendem. Em tempos em que as violências de gênero e os apagamentos simbólicos seguem como dispositivos de controle, a mulher da limpeza toma-se uma alegoria necessária. Ela é aquela que escolhe sair do lugar (des)ordenado para entrar na travessia. A ilha desconhecida é a vida que ainda não nos permitiram viver. Traz para o centro da narrativa uma epistemologia do cotidiano, que não dissocia sonho e materialidade, assim ela não busca a ilha para ajudá-lo, busca para existir.

Rafaela Cavalcante G. S. Melo - rafaelamelo@discente.ufg.br

Este artigo de opinião é resultado parcial do projeto financiado pelo CNPq, Chamada 14/2023 América: histórias, patrimônios e saberes comparados.



Entre Fronteiras

por: Larissa Curado; Luciana Komalewski; Letícia Lima;
Ana Cláudia Vilarinho (colaboradora do projeto).

O projeto "Entre Fronteiras" configura-se como uma iniciativa científica, social e política de caráter urgente, voltada à compreensão e ao enfrentamento das vulnerabilidades vivenciadas por mulheres brasileiras em contextos migratórios. Fundamentado em pesquisa aplicada, o projeto analisou dados provenientes de um estudo com 200 mulheres brasileiras imigrantes em Nova York e região, cujos resultados evidenciam a necessidade imediata de apoio estruturado por meio de políticas públicas intersetoriais e transnacionais.

Os resultados da pesquisa demonstram que a maioria das participantes relatou ter vivenciado algum tipo de violência de gênero após o processo migratório, com destaque para a violência doméstica, psicológica e institucional. Observou-se, de forma recorrente, que a condição migratória atua como fator agravante dessas situações, ampliando o medo da denúncia, a dependência econômica e o isolamento social. As mulheres entrevistadas relataram dificuldades significativas no acesso à informação sobre seus direitos, bem como barreiras linguísticas e culturais que limitam a busca por proteção e justiça.

Um achado central da pesquisa refere-se às falhas nos mecanismos institucionais de apoio, especialmente no que diz respeito à atuação consular e ao acesso a políticas públicas locais. Parte expressiva das mulheres indicou desconhecimento ou impossibilidade de acessar serviços de proteção, regularização migratória e apoio jurídico. Relatos de descredibilização, burocratização excessiva e ausência de escuta qualificada revelam um cenário de fragilidade institucional que contribui para a revitimização dessas mulheres.

O "Entre Fronteiras" atua justamente na transformação dessas experiências em evidências científicas sistematizadas, capazes de subsidiar a formulação, o aprimoramento e a avaliação de políticas públicas. A coleta ética e confidencial de depoimentos permite identificar padrões estruturais de violação de direitos, oferecendo subsídios concretos para ações de prevenção, acolhimento e cooperação internacional. No entanto, a pesquisa evidencia que a ausência de financiamento público contínuo e de reconhecimento institucional compromete a ampliação do alcance e a sustentabilidade das ações desenvolvidas.

O apoio de políticas públicas ao "Entre Fronteiras" constitui uma resposta necessária aos compromissos do Estado com os direitos humanos, a igualdade de gênero e a proteção de mulheres.

A omissão institucional aprofunda desigualdades e perpetua ciclos de violência.
A atuação do "Entre Fronteiras" fortalece as redes de proteção, qualificam a atuação estatal e fomentam políticas baseadas em evidências científicas.

Diante do aumento dos fluxos migratórios femininos e da intensificação das desigualdades globais, torna-se imperativo que o poder público incorpore iniciativas como o "Entre Fronteiras" às agendas prioritárias da política pública nacional e transnacionais.



Crônica aleatória da vida

por: Ana Gabriela Colantoni - membra da Coletiva Feminista GSEX

14 de dezembro do ano de 2025, e a Defesa Civil envia para todos os celulares que estão na cidade alerta de tempestade em Uberlândia-MG. Último dia antes da minha licença para o pós-doutorado e nem todos estudantes entregaram trabalhos. A saúde física vai mal, mas pessoas próximas não acreditam. Talvez por causa da minha fé nos exercícios físicos diários, ou por causa da minha euforia na rua, como se não houvesse amanhã, além de um projeto de estudo para uma vida inteira. Notícias aleatórias me tocam: muitas histórias de violência contra as mulheres, algumas histórias de acidentes nas rodovias. Tenho muita vontade de estar perto das pessoas, mas, ao mesmo tempo, as quero longe. Angústia. A saúde mental vai mal. Contudo, agora que eu estou terminando a escrita, o barulho da chuva eu quase não ouço mais.

Talvez já tenha passado. Talvez o ano já tenha passado.

MEDO

por: Munyque Ribeiro

Eu tenho medo de tentar.
Eu tenho medo de errar.
Eu tenho medo de tudo aquilo que pode me matar:
Arma, faca, pau, humilhação, racismo, machismo e
coisa e tal.
O mal que saiu da boca encontrou o labirinto do
ouvido e o seu eco estrutural.
Num dá pra correr,
Num dá pra desviar,
Num dá pra esconder,
Pois estão sempre na espreita esperando eu tropeçar,
Vacilar, gaguejar, titubear, dançar.
E de fininho vai matando o que há de mais divino
nesse meu caminhar.
Por isso eu tenho tanto medo de ter esse medo que
me paralisa,
Doméstica,
E me faz ser boa em tudo aquilo que eu gostaria de
fracassar.



É quase Natal!

por: Sinvaline Pinheiro

Noite chuvosa refazer o mundo, barulho a vida
anunciando o fim do ano, do mês, do dia...

Insetos cruzam as luzes, a coruja pia e um relâmpago
clareia o barco e o céu: o ano termina...

Indiferente aos sentimentos da hora o relógio segue
no compasso do tic tac, tic tac...

O calendário do coração em datas marcadas suspira
acelerando as batidas, ignorando o fim do dia, o fim
do mês, o fim do ano, uma tentativa de eternizar o
instante...

Mas, o tempo não promete o amanhã...

E na insegurança da hora o vento ruge e as ondas
reviram o lago e os planos...

A noite escurece o horizonte e a vida só existe agora
no barulho das águas, na incerteza do amanhã e na
alma marcada de sonhos e saudades...

Vamos remar, é quase natal!

DESTINO Para Sandoval

por: Juracema Camapum

Preciso voar
Quebrar barreiras
Escuridão feminina
Sonhos de transpor...
Vislumbro luares
Acordada sonho
Viajar pelo espaço
Sorrindo de alegria
De vida inteira
Recordações-
Tantas saudades
Com cheiros
Intensa paixão
Na noite quente
Ofegante desejos
Com ar de culpa
Seu rosto entemecido
Se foi...



**COLETIVA
FEMINISTA
GSEX**



acompanhe nossas redes

@coletivagsex



UFG

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS